



Notas Sobre Literatura Leitura e Linguagens 3

Angela Maria Gomes
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Angela Maria Gomes
(Organizadora)

Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

N899 Notas sobre literatura, leitura e linguagens 3 [recurso eletrônico] /
Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Notas Sobre Literatura, Leitura e Linguagens;
v.3)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-071-1
DOI 10.22533/at.ed.711192501

1. Leitura – Estudo e ensino. 2. Literatura – Estudo e ensino.
3. Linguística. I. Gomes, Angela Maria.

CDD 372.4

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens vem oportunizar reflexões sobre as temáticas que envolvem os estudos linguísticos e literários, nas abordagens que se relacionam de forma interdisciplinar nessas três áreas, na forma de ensino e dos seus desdobramentos.

Abordando desde criações literárias, contos, gêneros jornalísticos, propagandas políticas, até fabulas populares, os artigos levantam questões múltiplas que se entrelaçam no âmbito da pesquisa: Desde o ensino de leitura, de literatura em interface com outras linguagens e culturas que fazem parte do contexto nacional, como a indígena, a amazonense, a dos afros descendentes até vaqueiros mineiros considerados narradores quase extintos que compartilham experiências e memórias do ofício, as quais são transcritas. Temas como sustentabilidade, abordagens sobre o gênero feminino e as formas de presença do homem no contexto da linguagem também estão presentes.

Os artigos que compõem este volume centram seus estudos não apenas no texto verbal e escrito, mas nas múltiplas linguagens e mídias que configuram a produção de sentidos na contemporaneidade. A evolução da construção de novas composições literárias com uso de imagens, vídeos, sons e cores foi aqui também tema de pesquisas, assim como o uso das novas tecnologias como prática pedagógica, incluindo Facebook – mídia/rede virtual visual – e o WhatsApp - aplicativo para a troca de mensagens -. Falando em novas práticas, o estudo do modelo de sala invertida - Flipped Classroom - que propõe a inversão completa do modelo de ensino, igualmente foi aqui apresentado e estudado como proposta de prover aulas menos expositivas, mais produtivas e participativas.

A literatura é um oceano de obras-primas. Diante desse manancial de possibilidades, a apreciação e análises comparativas de grandes nomes apresentados aqui, incluindo William Shakespeare, Guimarães Rosa, Machado de Assis, João Ubaldo Ribeiro, Carlos Drummond de Andrade, Rubens Fonseca, Dias Gomes, entre outros, traz uma grande contribuição para se observar cada componente que as constitui. Desse modo, fica mais acessível a compreensão, interpretação e assimilação dos sentimentos e valores de uma obra, fazendo um entrelaçamento da leitura, literatura e estudos da linguagem.

Assim, esta coletânea objetiva contribuir para a reflexão conjunta e a conexão entre pesquisadores das áreas de Letras - Linguística e Literatura - e de suas interfaces, projetando novos caminhos para o desenvolvimento socioeducacional e científico.

Angela Maria Gomes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O EDUCAR PARA A VIDA: PONTOS DE DESENCONTROS ENTRE A EDUCAÇÃO E A VIDA EM DALCÍDIO	
Idalina Ferreira Caldas José Valdinei Albuquerque Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.7111925011	
CAPÍTULO 2	8
O ESPAÇO URBANO ENTRE MAZELAS, CONTRASTES SOCIAIS E VIOLÊNCIA EM FELIZ ANO NOVO E O OUTRO, DE RUBEM FONSECA	
Thalita de Sousa Lucena Silvana Maria Pantoja dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.7111925012	
CAPÍTULO 3	18
O ETHOS DAS CRÔNICAS DE MARTHA MEDEIROS E LYA LUFT SOB A ÓTICA DA ANÁLISE DO DISCURSO EM MAINGUENEAU	
Giovanna de Araújo Leite	
DOI 10.22533/at.ed.7111925013	
CAPÍTULO 4	26
O GÊNERO MEMÓRIAS COMO OBJETO DE ENSINO NO AMBIENTE DIGITAL	
Karla Simões de Andrade Lima Bertotti Sandra Maria de Lima Alves José Herbertt Neves Florencio	
DOI 10.22533/at.ed.7111925014	
CAPÍTULO 5	37
O JORNAL ESCOLAR COMO LUGAR DE PRÁTICAS DISCURSIVAS E SOCIAIS: UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE O GÊNERO EDITORIAL	
Magda Wacemberg Pereira Lima Carvalho Elisabeth Cavalcanti Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.7111925015	
CAPÍTULO 6	47
O LETRAMENTO LITERÁRIO E A INTERDISCIPLINARIDADE NO USO DO GÊNERO POEMA	
Gildma Ferreira Galvão Duarte	
DOI 10.22533/at.ed.7111925016	
CAPÍTULO 7	58
O <i>PAGADOR DE PROMESSAS</i> E “O DIA EM QUE EXPLODIU MABATA-BATA”: CONFIGURAÇÕES TRÁGICAS	
Erenil Oliveira Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.7111925017	

CAPÍTULO 8	70
O PAPEL TRANSFORMADOR DA LITERATURA INFANTIL NA EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE: REFLEXÕES A PARTIR DE “A HISTÓRIA DO JOÃO-DE-BARRO”	
Laís Gumier Schimith Priscila Paschoalino Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.7111925018	
CAPÍTULO 9	86
O TEXTO LITERÁRIO NUMA PROPOSTA DE SALA DE AULA TECNOLÓGICA INVERTIDA	
Antonia Maria Medeiros da Cruz Maria Ladjane dos Santos Pereira Silvânia Maria da Silva Amorim	
DOI 10.22533/at.ed.7111925019	
CAPÍTULO 10	93
OS GESTOS DIDÁTICOS NO ENSINO DE GÊNEROS DE TEXTO	
Ribamar Ferreira de Oliveira Gustavo Lima	
DOI 10.22533/at.ed.71119250110	
CAPÍTULO 11	108
PARA ALÉM DOS LIMITES DA SALA DE AULA: NOVAS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA ATRAVÉS DO USO DO WHATSAPP NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA	
Jailine Mayara Sousa de Farias Barbara Cabral Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.71119250111	
CAPÍTULO 12	119
POR QUE SER UM CLÁSSICO? – NOTAS EM ABISMO SOBRE “SE UM VIAJANTE NUMA NOITE DE INVERNO”, DE ITALO CALVINO	
Patricia Gonçalves Tenório	
DOI 10.22533/at.ed.71119250112	
CAPÍTULO 13	129
POR UMA LINGUAGEM ÚNICA: A PICTOGRAFIA DE ANTONIN ARTAUD	
Jhony Adelio Skeika	
DOI 10.22533/at.ed.71119250113	
CAPÍTULO 14	146
PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA SOB A PERSPECTIVA INTERTEXTUAL COM ALUNOS DA ESCOLA BÁSICA	
Valeria Cristina de Abreu Vale Caetano	
DOI 10.22533/at.ed.71119250114	
CAPÍTULO 15	156
PRÁTICAS DE LEITURA NA AMAZÔNIA POR PERSONAGENS-LEITORES MARGINALIZADOS	
Regina Barbosa da Costa Marli Tereza Furtado	
DOI 10.22533/at.ed.71119250115	

CAPÍTULO 16	165
REPERTÓRIO DE VAQUEIRO: TRANSCRIÇÃO E NARRAÇÃO	
Joanna de Azambuja Picoli Maria de Fátima Rocha Medina	
DOI 10.22533/at.ed.71119250116	
CAPÍTULO 17	176
ROSAURA, A ENJEITADA (1883): EFÍGIE OU ESFINGE DE BERNARDO GUIMARÃES?	
Marcus Caetano Domingos	
DOI 10.22533/at.ed.71119250117	
CAPÍTULO 18	191
SUPRESSÃO DAS VOGAL /A/ INICIAL NO DIALETO MOCAJUBENSE	
Ana Cristina Braga Barros Many Taiane Silva Ferreira Maria Rosa Gonçalves Barreiros Murilo Lima de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.71119250118	
CAPÍTULO 19	199
UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE A VOZ DE SUCESSO NA REVISTA CARTA CAPITAL	
Thiago Barbosa Soares	
DOI 10.22533/at.ed.71119250119	
CAPÍTULO 20	214
VOZES MÚLTIPLAS NA CANÇÃO DE ITAMAR ASSUMPÇÃO	
Bruno César Ribeiro Barbosa Susana Souto Silva	
DOI 10.22533/at.ed.71119250120	
CAPÍTULO 21	226
“SUBA EM DIAGONAL, PARA A DIREITA, EM UM ÂNGULO OBTUSO, UNS 4CM”: DESCOMPARTIMENTANDO SABERES E HABILIDADES DE LEITURA EM MATEMÁTICA E EM LÍNGUA PORTUGUESA	
Adriano de Souza Sônia Maria da Silva Junqueira	
DOI 10.22533/at.ed.71119250121	
CAPÍTULO 22	238
A ATUALIDADE DA CRÍTICA DE LIMA BARRETO AOS PODERES CONSTITUÍDOS NA REPÚBLICA VELHA	
Renato dos Santos Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.71119250122	
CAPÍTULO 23	246
A PROSÓDIA DOS VOCATIVOS NO PORTUGUÊS DO LIBOLO EM FALA SEMIESPONTÂNEA	
Vinícius Gonçalves dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.71119250123	
SOBRE A ORGANIZADORA	258

REPERTÓRIO DE VAQUEIRO: TRANSCRIÇÃO E NARRAÇÃO

Joanna de Azambuja Picoli

Centro Universitário Luterano de Palmas
Palmas – Tocantins

Maria de Fátima Rocha Medina

Centro Universitário Luterano de Palmas
Palmas – Tocantins

RESUMO: Por muito tempo, a narração foi extremamente importante no tocante à perpetuação da cultura humana, vez que as histórias e experiências eram compartilhadas entre as pessoas, agregando lições e conhecimentos formadores de identidade individual e social. Todavia, com a dinamização de informações e pobreza de experiências na atualidade, a narração tornou-se arte próxima à extinção, incapaz de prender a atenção das gerações mais novas e de se preservar no tempo (BENJAMIN, 2012). Entretanto, é possível encontrar, ainda hoje em lugares improváveis, genuínos narradores, como é o caso dos vaqueiros do Vale do Pampã-MG. Nos vários registros já transcritos baseados em algumas normas sugeridas por Fávero et al. (2000), vaqueiros aposentados compartilharam, a partir da memória e da experiência, sobre os tempos do ofício. São textos orais, permeados por interrupções e mudanças abruptas de assunto, mas carregados de poesia, nem pelos

próprios autores percebida, que, por fluir de suas bocas com tanta naturalidade, já fazem parte dos discursos de forma inconsciente (MEDINA, 2016). Diferenças socioculturais, de idade e a não participação em todas as etapas das entrevistas, como defendido por Manzini (2017), criam distâncias entre o transcritor e o personagem de estudo que dificultam a incorporação consciente e fiel dos elementos percebidos nos registros na transcrição. Além disso, há a complicada tarefa de transcrever não somente aquilo que é dito, como também demais fatores caracterizadores da fala e da performance. Assim, por uma jornada de tropeços, a transcrição permite a preservação do repertório de vaqueiro, permeado de alegrias, sofrimentos e saudade.

PALAVRAS-CHAVE: Transcrição; vaqueiro; narração.

ABSTRACT: For a long time, the narration was extremely important when it came to the perpetuation of the human culture because the stories and experiences were shared among people, adding lessons and knowledge formers of individual and social identity. However, with the promotion of information and poverty of experiences nowadays, the narration became close to extinction, unable to catch the attention of younger generations and to preserve itself in time (BENJAMIN, 2012). Nevertheless, it's

possible to find, yet today in unusual places, genuine narrators, like the cowherds from Vale do Pampã-MG. In the several records already transcribed based on some of the norms suggested by Fávero et al. (2000), retired cowherds shared, from their memories and experiences, about their work time. They are oral texts permeated by interruptions and abrupt subject changes but loaded with poetry that is not even noticed by their own authors, once it flows so naturally from their mouths, already making part of their speeches unconsciously (MEDINA, 2016). Age and sociocultural differences, as well as the non-participation in all of the interview phases, as defended by Manzini (2017), create distances between transcriber and study character, making it hard to incorporate faithfully the elements noticed from the records in the transcriptions. Furthermore, there's the complicated task of transcribing not only what is said, but also other factors that characterize the speech and performance. Thereby, by a stumbling journey, the transcription allows the preservation of the cowherd's repertory, permeated with joy, suffer and missing.

KEYWORDS: Transcription; cowherd; narration.

1 | INTRODUÇÃO

Por trás do vaqueiro como cuidador do gado, há a figura do narrador, aquele que conta histórias. E, mesmo diante da dinamização de informações, na realidade atual, que põe em risco de extinção as narrações, a partir da memória e das inúmeras experiências, esse trabalhador é capaz de tecer conselhos e compartilhar saberes por meio de narrativas (BENJAMIN, 2012).

Em registros audiovisuais, os vaqueiros contam suas vidas e, através deles, foi possível conhecer a rotina, as intempéries, os prazeres e as dificuldades que o serviço lhes proporcionava e a diversão, ainda que pouca, na época em que trabalhavam com o gado. Apesar de tratarem-se de textos estruturalmente simples, são carregados de poesia e de performance que, muito além da questão linguística, envolve emoção, voz, corpo e, principalmente, o momento narrativo, impossível de ser reproduzido do mesmo modo (MEDINA, 2016; ZUMTHOR, 2014).

A fim de evitar que a narração do vaqueiro caia no esquecimento, há necessidade da transcrição, processo pelo qual são transpostos para a escrita os textos orais compartilhados pelos sujeitos. Ou seja, ao abordar sobre transcrição, este trabalho de registro escrito dos textos mostra a relevância da preservação do repertório oral de vaqueiro frente ao contexto atual de desvalorização da narrativa oral.

O objetivo, portanto, respalda-se no entendimento dos vaqueiros do Vale do Pampã (MG) como sujeitos, narradores e poetas para que se possa identificar do que se constitui seu repertório, a partir da transcrição de registros.

Vale ressaltar que o processo o qual envolve esse trabalho não é tão simples quanto sua definição. Afinal, a oralidade possui características muito peculiares que muitas vezes não podem ou são difíceis de ser colocadas na escrita, como os sotaques,

as hesitações, os gestos e as emoções (FLORES; SILVA, 2005).

Ainda que, segundo Marcuschi (1986), não exista uma maneira melhor de transcrever, para os fins deste trabalho, relacionados à busca de maior fidelidade às falas dos vaqueiros, estabeleceu-se regramento a partir de normas sugeridas por Castilho e Preti (1986) apud Fávero, Andrade e Aquino (2000), com o propósito de padronizar as transcrições. A partir de uma abordagem qualitativa, portanto, buscou-se assistir aos registros algumas vezes, para anotar não somente o que foi falado, como também para visualizar os elementos paralinguísticos, além de realizar correções e adicionar palavras anteriormente não compreendidas.

Enfim, neste artigo pretende-se estabelecer uma sequência lógica através da construção teórica do vaqueiro, de seu papel como narrador, da poética oral, da performance e dos silêncios presentes em suas narrações, bem como da transcrição e seu papel para com o repertório de vaqueiro. Em seguida, há uma análise que combina a teoria com as transcrições já realizadas e, por fim, as considerações finais.

2 | CONTEXTUALIZAÇÃO DO VAQUEIRO

Durante meados do século XX, na região do nordeste de Minas Gerais, a fazenda era um pequeno mundo cujo sistema social era próprio e onde a cada um cabia determinada função e de onde se extraíam as principais formas de sustento. Em agregados como esse, a hierarquia era clara: quem comandava era o dono da fazenda e os demais eram simplesmente seus subordinados.

Ainda assim, existia certo destaque conferido aos vaqueiros por serem eles os responsáveis pelo gado, principal fonte de renda da fazenda (RIBEIRO, 1998). Era comum que o vaqueiro estabelecesse relações mais próximas com seu patrão e tivesse acesso ao casarão da fazenda, afinal, era de interesse do fazendeiro manter seu principal provedor sob seus olhos e controle (RIBEIRO, 1998). Tanto que não era estranho que os vaqueiros se constituíssem como tal ainda na infância. Muitas vezes, filhos dos antigos vaqueiros das fazendas seguiam os passos do pai de forma a criar um ciclo de manipulação difícil de ser rompido.

Apesar de ser enxergado como mero instrumento de riqueza para o fazendeiro, aos olhos da comunidade o vaqueiro era rei. A posição de destaque em relação aos demais, as experiências decorrentes das viagens e os conhecimentos sobre as reses e a mata faziam do vaqueiro herói (RIBEIRO, 1998).

Segundo Cascudo (2001) apud Medina (2016, p. 54),

Ser vaqueiro é ser destemido, corajoso; é ser perseverante, ter paciência e sabedoria. É sua função buscar o gado e encaminhá-lo a seu destino. O vaqueiro dá nome ao boi, sabe como tratá-lo e até conversar com ele. O vaqueiro tem duas características: o aboio e as vestimentas; desde a ilha do Marajó até o sul do país, elas o identificam. Em alguns lugares é o vaqueiro; em outros o boiadeiro, mas é

sempre o ‘homem que toma conta do boi’, ao lado dos seus grandes amigos, o cavalo e o cão.

O “homem que toma conta do boi”, do século XX, tinha múltiplas facetas e funções, atualmente contempladas por profissões diversas à de vaqueiro, propriamente. Naquela época, ele era tirador de leite, veterinário, zootecnista, zelador, cerqueiro e artista.

Longas viagens, boiada arisca, clima desfavorável e situações de risco faziam parte da rotina do vaqueiro que, dia após dia, colocava todo o seu suor na complexa tarefa de guiar o gado. E a partir das experiências de “laçar gado bravo, domar animais de sela, amansar vacas de leite, dar campo em mangas sem fecho, colocar em boiada gado arribado”, o vaqueiro se constituía enquanto formava sua arte e seu saber (RIBEIRO, 1998, p. 137).

3 | A NARRAÇÃO NO REPERTÓRIO DE VAQUEIRO

Por muito tempo contar histórias e compartilhar experiências eram atividades comuns do cotidiano, capazes de entreter e até mesmo de ensinar. Essas atividades constituem a narração, arte que hoje se encontra em processo de extinção (BENJAMIN, 2012). O contexto atual de pobreza das experiências, quantidade massiva de informações e desinteresse humano em pensar e refletir configura o oposto do que o narrador se propõe a fazer: transformar experiências em histórias e, a partir daí, permitir que o ouvinte se conecte a elas a ponto de estabelecer reflexões, delas extrair algo de útil e, quem sabe, até de compartilhá-las com os demais (BENJAMIN, 2012). É óbvio, portanto, que, na vida caótica do século XXI, o narrador está cada vez mais distante e sua voz é, aos poucos, oprimida e silenciada.

Entretanto, com uma busca mais aprofundada, ainda é possível identificar em meio ao caos tecnológico e informatizado da atualidade alguns narradores por excelência. Esse é o caso dos vaqueiros aposentados da região do Vale do Pampã, em Minas Gerais, cuja constituição da profissão iniciou ainda na infância. Eles possuem bagagem emocional e memorial possível de ser contemplada por meio das narrativas orais que compartilham.

Benjamin (2012) buscou estabelecer uma classificação genérica dos narradores, ao dividi-los em dois grupos substanciais: aquele exemplificado pelo marinheiro comerciante, que trazia as histórias e conhecimentos dos lugares distantes e das viagens; e aquele representado pelo camponês sedentário que, vinculado a sua terra e ao seu país, conhece melhor do que ninguém suas histórias e tradições.

Na figura do vaqueiro, esses dois tipos de narradores conversam entre si. Por um lado, tendo vivido por muito tempo imerso nos conhecimentos e segredos das fazendas e do ofício, e compartilhado seus saberes em um contexto mais restrito, o vaqueiro poderia facilmente configurar-se na denominação de narrador semelhante aos

“camponeses sedentários”. Por outro lado, ao analisar o aspecto da vida de vaqueiro que envolvia longas viagens com a boiada, por matas, vilas e estradas, deparando-se com as mais inacreditáveis adversidades e tomando para si nuances culturais diversas, encontra-se nele o que se esperava dos “marinheiros comerciantes”. Assim, ao misturar o que conhecia da sua origem com o que passou a conhecer a partir das experiências de outros, a narração do vaqueiro se tornou singular.

O florescimento da narração se deu no meio artesão, caracterizando-a como própria forma artesanal de comunicação (BENJAMIN, 2012). Isso porque não é de interesse do narrador transmitir seu texto de forma genérica e exatamente igual a como lhe haviam transmitido. Muito pelo contrário, o narrador agrega suas próprias experiências e impressões, e, cada vez que a narrativa é compartilhada. São adicionadas camadas e marcas de cada narrador, transformando-a em algo dinâmico, especial e único, cada vez que é contada (BENJAMIN, 2012).

O vaqueiro, assim como o narrador de Benjamin (2012), tem em suas narrações, raízes no trabalho, na experiência e na memória. Tudo o que conta provém daquilo que conhece, e o conhecimento foi adquirido a partir daquilo que viveu, de uma combinação do que ocorreu no passado e do que acontece no presente, uma constante fusão de lembranças e acontecimentos, que tornam, então, cada história ímpar e extraordinária.

É daí que surge a “magia” dessa arte, porque, diferentemente da informação, que só é válida quando é nova, a narrativa tem esse raro poder de conservar suas forças no tempo e de suscitar, mesmo que depois de anos, novas reflexões e impressões (BENJAMIN, 2012).

4 | A POÉTICA ORAL E O SILÊNCIO NAS NARRATIVAS DE VAQUEIRO

Assim como tudo o que é produzido nos mais diversos ramos do conhecimento e da existência humana, a arte e a literatura possuem seus próprios padrões elitistas e consagrados. E essa consagração extrema fez com que culturas, artes, formas literárias e estéticas fossem desvalorizadas, negligenciadas e desconsideradas e, entre elas, está a poesia oral presente no repertório do vaqueiro (MEDINA, 2016).

A partir da memória, o vaqueiro conta a vida, a rotina, o sofrimento e a diversão. São textos distantes daqueles que têm estrutura e técnica consagradas. E por ter acesso a partir da oralidade, os textos de vaqueiros são permeados por interrupções e mudanças abruptas de assunto, mas aos ouvidos atentos e almas abertas, eles apresentam enorme carga poética. Essa poesia muitas vezes não é sequer percebida ou identificada por seus próprios autores, uma vez que se encontra tão intrínseca e flui com tanta naturalidade que passa a fazer parte dos discursos de forma inconsciente (MEDINA, 2016).

Aliada à poesia das narrativas orais dos vaqueiros há o envolvimento de fatores únicos, como a emoção, a voz e o corpo, caracterizadores da performance e,

consequentemente do *hic et nunc*, o aqui e agora. A performance é, então, a própria concretização em movimento da literatura: envolve o texto, o autor e o público em um momento singular e irreproduzível. (ZUMTHOR, 2014).

Portanto, a narração não é produto exclusivo da voz. A mão influencia, através dos gestos, e demonstra aquilo que foi aprendido na experiência, sustentando o fluxo do que é dito. Há coordenação entre alma, olho e mão, onde quer que a arte de narrar seja praticada (BENJAMIN, 2012).

Muito além do que é dito e feito, a performance é também caracterizada por aquilo que se deixa de dizer ou fazer. São os silêncios do texto oral que revelam verdades e vontades impronunciadas; a cada palavra compartilhada, milhares de outras se escondem sob a infinitude do medo, do trauma, do íntimo, da vergonha, do passado e da memória.

Enquanto a linguagem permite uma estabilização no movimento dos sentidos, tornando-os claros e identificáveis, o silêncio se esconde atrás das cortinas da palavra, atribuindo ao sujeito e ao sentido uma moção incerta, alterável, desconhecida (ORLANDI, 2015). E é justamente atrás dessas cortinas que se encontram os silêncios no repertório de vaqueiro, aquilo de que não se teve coragem de dizer, que foi sentido, mas que não se verbalizou. Tem significado próprio para o falante, mas nem sempre é claro para o ouvinte. Entretanto, o silêncio não é apreciado, afinal, o ser humano possui uma relação tão forte com a linguagem que a sua ausência causa espanto e, dessa forma, tenta apagar o silêncio de forma a atribuir significados verbais para ele, que por si só é matéria significativa por excelência (ORLANDI, 2005).

5 | A TRANSCRIÇÃO NA IDENTIFICAÇÃO DO REPERTÓRIO DE VAQUEIRO

A narração e a transcrição são mecanismos utilizados para preservar saberes antigos e costumes como parte da história e da cultura do Brasil (MEDINA, 2016). Dessa forma, torna-se possível identificar o repertório de vaqueiro e conhecer a rotina, as intempéries, a vida, os prazeres que esse serviço proporcionava e a diversão que tiveram na época em que trabalhavam com o gado a partir das histórias por eles compartilhadas oralmente.

O ato de conversar é a prática mais comum do cotidiano humano, capaz de desenvolver e construir um espaço próprio para o estabelecimento de identidades sociais (MARCUSCHI, 1986). Ainda assim, existe uma “elitização” da escrita, considerada por muitos melhor estruturada e formal quando comparada à fala. Mas há de se lembrar que, inevitavelmente, a oralidade é primária, afinal, o ser humano, antes de escrever, aprende a falar (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2000). Todavia, oralidade e escrita se relacionam, se sobrepõem, se misturam e se distanciam. E ambas são essenciais para suprir as necessidades de comunicação humana nas mais diversas situações sociais (FLÔRES; SILVA, 2000).

A fala, ao contrário da escrita, envolve um sem-número de fatores como pausas, hesitações, repetições, ênfases, truncamentos e, para “visualizar” esses fatores, “existe a transcrição, que nada mais é do que ‘a fala passada a limpo’ através da escrita” (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2000; FLÔRES; SILVA, 2000, p.42). Apesar de possuir um conceito simples, a transcrição envolve é uma atividade difícil de ser executada, porque palavras escritas dificilmente traduzirão com fidelidade fenômenos orais como a prosódia, a gestualidade, o movimento do corpo e dos olhos (FLÔRES; SILVA, 2000).

Uma vez que a análise da conversação leva em conta detalhes que vão além do texto verbal, é necessário passar para a transcrição algumas informações adicionais, quando for constatada sua relevância, segundo os objetivos de cada trabalho, o que leva a entender que, de fato, não existe uma maneira melhor ou pior de se transcrever. É preciso, portanto, que o transcritor tenha conhecimento e noção de seus objetivos para que não deixe de assinalar o que lhe convém na transcrição (MARCUSCHI, 1986).

A partir do exposto, destaca-se a importância da transcrição para “dar voz” ao vaqueiro, preservar e perpetuar seus textos e parte de sua cultura, ainda que pela escrita.

6 | METODOLOGIA

Sob o contexto da busca pela identificação do repertório de vaqueiro, a transcrição demonstra sua importância e necessidade ao servir de instrumento para a passagem de registros audiovisuais para a escrita e permitir que os textos orais neles compartilhados possam ser devidamente representados e preservados, a partir de uma abordagem qualitativa.

A transcrição deve-se adequar aos objetivos de cada trabalho e pesquisador através do estabelecimento de regras favoráveis às suas pretensões (MARCUSCHI, 1986). Esse processo “implica em fazer recortes, implica em estabelecer regras e critérios para transcrição” (MANZINI, 2008, p.06).

Dessa forma, esse é um trabalho subjetivo, variável de acordo com cada transcritor e seus objetivos sem, entretanto, deixar de lado regras capazes de estabelecer padrões entre as transcrições. Para os efeitos deste trabalho, algumas normas sugeridas por Castilho e Preti (1986) apud Fávero, Andrade e Aquino (2000) foram utilizadas, de maneira a proporcionar uniformidade entre os diversos registros transcritos e de facilitar o trabalho de diferentes transcritores. Entre elas destacam-se: a) utilização de parênteses vazios quando ocorrer incompreensão de palavras ou segmentos; b) hipótese do que se ouviu colocada entre parênteses; c) pausas representadas por reticências; d) comentários descritivos do transcritor entre parênteses duplos; e) aspas quando forem realizadas citações literais durante o registro.

Ainda que essas regras facilitem até certo ponto o trabalho do transcritor, há

fatores que apresentaram maior dificuldade em serem transcritos, como os sotaques, hesitações, truncamentos, gestos muito específicos, olhares, entonações, suspiros e, principalmente, as emoções.

Além dessas, houve outras dificuldades, resultados de falhas técnicas, sons do ambiente e, de forma mais subjetiva, as distâncias e diferenças de idade e contexto sociocultural e de escolaridade existentes entre informantes e transcritor, além da falta de conhecimento deste acerca dos assuntos tratados nos registros.

Assim, com a finalidade de realizar transcrições de qualidade e que representassem com o máximo de fidelidade possível a fala, de acordo com o propósito da identificação do repertório de vaqueiro, os registros audiovisuais foram assistidos pelo menos três vezes. Na primeira, buscou-se transcrever o máximo possível apenas da fala; na segunda, a atenção foi focada nos elementos extralinguísticos, que foram anotados; já na última, foi realizada revisão geral do audiovisual a fim de adicionar e corrigir palavras e expressões antes não identificadas ou erroneamente colocadas.

7 | ANÁLISE

O trabalho de transcrição foi difícil em decorrência de diversos fatores. Entre eles, a existência de grandes diferenças em termos de espaço, realidade socioeconômica, cultura dos vaqueiros, idade e modo de falar entre transcritor e os vaqueiros entrevistados.

Tudo isso fez com que muitas palavras ditas pelos informantes fossem mal entendidas, confundidas com outras ou não fossem compreendidas de maneira nenhuma. Mesmo assim, cada expressão identificada com clareza ou corrigida promoveu engrandecimento cultural e de vocabulário, permitindo que fosse percebida a importância do trabalho e do projeto para as novas gerações, que estão cada vez mais distantes da cultura e tradições de vaqueiros de décadas passadas.

Por vezes, nos registros, a nostalgia, o reencontro e as emoções tomaram conta das vozes dos vaqueiros que, ao falarem rapidamente ou baixo demais, não deram chances de transcrever fiel e totalmente. É claro que, aliado a isso, houve outros tipos de dificuldade: áudio ruim, interferências, pouco conhecimento do transcritor acerca de certos assuntos e expressões, distância espacial e sociocultural entre transcritor e informante, além das diferenças de idade. Mesmo com esses desafios, a essência foi mantida e foi possível, aos poucos, identificar do que o repertório de vaqueiro é composto.

Ribeiro (1998) trata sobre a dificuldade do trabalho do vaqueiro que, além de viajar com a boiada, realizava tarefas que, atualmente, são destinadas a profissionais como veterinários e zootecnistas, transformando seu ofício em algo muito mais complexo e especializado do que se parecia. E em uma conversa bastante descontraída, os vaqueiros aposentados Laurindo e Valdomiro trataram sobre isso. Ao relembrem

seus tempos de vaqueiros, contaram suas trajetórias, desde quando iniciaram o ofício, entre a infância e a adolescência, até a aposentadoria, que não agradou muito os patrões. Falaram da difícil rotina, que exigia uma jornada extremamente longa e exaustiva de trabalho, intempéries e riscos, além dos dias de festa e dança. Ribeiro (1998) conta de uma festa específica realizada na região, a festa do Boi-Duro, que movimentava as cidadelas e traçava o vaqueiro como herói e estabelece relação com o que os informantes abordaram.

Tudo que nós fez, nós sofreu, trabalhou com sofrimento. (Registro MIV_0537: Valdomiro, em 27/12/13, São Pedro do Pampã-MG).

Edevaldo demonstrou que já naquele tempo tinha consciência do tamanho da exploração que sofria, ao falar sobre o que menos gostava em seu ofício, que, aliás, se tratava de uma tarefa que não lhe cabia como vaqueiro:

A coisa que eu menos gostava na fazenda... ((pensou)) era tampar, fazer cerca. É. Fazia, mas eu falava pro meu ajudante: "isso aqui não é serviço nosso, não. Nós somos vaqueiro, nós temo que cuidar do gado, mas como nós tá cuidando e nós quer ver o gado separado, vamos fazer esse pedacinho de cerca aqui". Aí botava cinco, seis estaca no buraco, pregava com o grampo, tal, tal. Mas eu lembro que eu fazia contra a minha vontade! (Registro MIV_0550: Edevaldo, em 02/01/2014, Teixeira de Freitas-BA).

Demonstrando a exploração desmedida sofrida pelo vaqueiro por parte do fazendeiro, que não queria ver sua principal fonte de lucro longe (RIBEIRO, 1998), Edevaldo conta uma situação indignante:

(...) quando foi umas sete horas da noite, meu patrão, nem foi o gerente, me ligou que tinha um incêndio na fazenda aqui, oh ((apontou para trás)). Aí, eu saí às vinte, ainda bem que tinha carro lá pra vim pra cá. Eu peguei carona, me voltei lá, cheguei lá tinha um lixo queimando na beira da pista, nem dentro da fazenda não era, só pra não me ver fora, né. (Registro MIV_0550: Edevaldo, em 02/01/2014, Teixeira de Freitas-BA).

Nos registros, os vaqueiros lembraram também de amigos que já se foram, de momentos empolgantes em suas vidas e de muita bebedeira.

(Guida) morreu, Pedro morreu, (Zira) morreu. Cê sabe que o (Zira) morreu? (...) Morreu tudo. (...) Aquele povo foi cabando, ficou muito pouca gente. (Registro MIV_0537: Valdomiro e Laurindo, em 27/12/13, São Pedro do Pampã-MG).

Dia de domingo: 'hoje tem festa pra São Pedro do Pampã!'. ((riu)) Pra beber... Aí ia pra lá aquela galera, era bom demais! É o tempo que não volta mais, né? ((suspirou)). (Registro MIV_0550: Edevaldo, em 02/01/2014, Teixeira de Freitas-BA).

Apesar de as entrevistas terem sido realizadas em datas e locais distintos, com sujeitos diferentes também, os vaqueiros repetiram uma informação que, apesar de

pequena, revela a falta de estrutura e as dificuldades do trabalho:

Até tirar leite, descalço, dentro da lama (...) e não tinha bota de borracha. (Registro MIV_0537: Laurindo e Valdomiro, em 27/12/2013, São Pedro do Pampã-MG).

O curral não tinha coberta, não tinha nada, era na lama mesmo. Naquele tempo que eu comecei, não existia bota de borracha, não existia nada, né? (Registro MIV_0549: Edevaldo, em 02/01/2014, Teixeira de Freitas-BA).

Edevaldo arremata em poucas palavras o sentimento vivido por todos os anos de trabalho árduo, longo e exaustivo. Sentimento que foi compartilhado por seus colegas: “Era escravidão, né?”.

Apesar do sofrimento e exploração desse ofício o qual os trabalhadores foram obrigados a executar ainda crianças, eles demonstraram saudade do tempo que passou, da juventude, do gado, da vida que um dia viveram:

Tenho saudade do tempo véi que a gente mexia [com gado]. (Registro MIV_0537: Valdomiro e Laurindo, em 27/12/13, São Pedro do Pampã-MG).

Naquele tempo, o povo fala que era ruim, eu não acho que era ruim, não. (Registro MIV_0537: Valdomiro e Laurindo, em 27/12/13, São Pedro do Pampã-MG).

É, era ruim, não era bom mesmo, não. Mas a gente tem saudade da (porqueira). ((riram)). (Registro MIV_0537: Valdomiro e Laurindo, em 27/12/13, São Pedro do Pampã-MG).

8 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dificuldades encontradas durante a transcrição existem. Não entender o que é dito, ou entender algo diferente, desconhecer alguma palavra e ficar confuso com as repentinas trocas de assunto pode ser frustrante para quem está iniciando como transcritor. Mas não deixa de ser algo comum, afinal, diferenças e dificuldades existem e podem ser aos poucos superadas. E é isso o que fez a transcrição dos registros de vaqueiro ser ainda mais importante, pois além de ser a base textual para a construção do repertório desses profissionais, permite que se crie mais força de vontade e que se construam novos conhecimentos na vida de quem transcreve.

Através das palavras ditas pelos vaqueiros, provenientes de toda a sua bagagem emocional, laboral e memorial, e por meio das transcrições, busca-se preservar a voz do verdadeiro narrador, aquele capaz de encantar, divertir e despertar todo tipo de sentimento em quem ouve. Além de inspirar a perpetuação das poéticas orais no tempo, ainda que não seja de forma ideal, pela escrita.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 213-240.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia; AQUINO, Zilda. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FLORES, Onici; SILVA, Mozara Rossetto da. **Da oralidade à escrita: uma busca da mediação multicultural e plurilinguística**. Canoas: Ed. ULBRA, 2005.

LOPES, Laurindo; MEDINA, Valdomiro Francisco. Registro de vídeo no. MIV_0537, realizado em São Pedro do Pampã, Minas Gerais, no dia 27 de dezembro de 2013.

MANZINI, Eduardo José. **Considerações sobre a transcrição de entrevistas**. Disponível em: http://www.oneesp.ufscar.br/texto_orientacao_transcricao_entrevista. 2008. Acesso em 17 de mar. 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

MEDINA, Maria de Fátima Rocha e MEDINA, Maria Aparecida da Rocha. Do cotidiano nas fazendas à realidade estético-memorial: a poética oral de vaqueiros. E-book do V Congresso de Estudos Linguísticos e Literários na Amazônia. Organização: Tânia Sarmiento Pantoja, et al. Belém: Programa de Pós-Graduação em Letras. UFPA, 2016. ISBN: 978-85-67747-09-5. pp. 219-232. Disponível em: <http://www.ciella.com.br/>. Acesso em: 30 out. 2017.

ORLANDI, Eni Puccnelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6.ed. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

PEREIRA, Edevaldo Alves. Registros de vídeo nos. MIV_0549, MIV_0550, realizados em Teixeira de Freitas, Bahia, no dia 02 de janeiro de 2014.

RIBEIRO, Eduardo Magalhães. **Vaqueiros, bois e boiadas** – trabalho, negócio e cultura na pecuária do nordeste mineiro. Estudos Sociedade e Agricultura, 10, abril 1998, p. 135-164. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/dez/eduard10.htm>. Acesso em: 27 de dez. 2016.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção, Leitura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-071-1



9 788572 470711